

# Variação e relações semânticas no léxico Apurinã (Aruak): o “duplo vocabulário”

Bruna Fernanda S. de Lima-Padovani\*

Sidney da Silva Facundes\*\*

## Resumo

O presente trabalho busca demonstrar que padrões metafóricos e metonímicos são mecanismos essenciais na variação da taxonomia Apurinã (Aruak) e importantes na formação das nomenclaturas para fauna e flora dessa língua. Para tanto, o estudo se pauta na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e na Semântica Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987). Os casos de variação tratados aqui restringem-se à nomenclatura de fauna e flora que constituem o fenômeno de “duplo vocabulário” (uso de duas ou mais formas para designar um mesmo referente em um domínio específico do léxico) presente na língua. Um exemplo disso seria a maneira como os Apurinã nomeiam o termo ‘quatipuru-roxinho’. O mesmo conceito pode ser chamado de *axipitiri* ou de *ãkiti tikakiêrike*. A distinção na formação desse par de nomes é que o segundo termo tem um sentido mais descritivo. A forma *ãkiti tikakiêrike* está relacionada ao aspecto da barriga do animal, a qual tem pintas que se parecem com as pintas da onça; por isso essa forma recebe o mesmo nome da onça. Portanto, a motivação de usar o nome que designa ‘onça’, *ãkiti*, para designar também ‘quatipuru-roxinho’ é o mapeamento de propriedades físicas da ‘onça’ (domínio-fonte) a propriedades físicas do ‘quatipuru’ (domínio-alvo). O que caracterizaria um processo metafórico. É desse tipo de variação que trataremos e do qual apresentaremos uma análise sobre o seu *status* linguístico e sócio-histórico-cultural em Apurinã.

Palavras-chave: Metáfora. Metonímia. Variação. Duplo vocabulário. Apurinã.

## 1 Introdução

A língua Apurinã é uma de cerca de 40 representantes da família linguística Aruak que permanecem vivas (AIKHENVALD, 2005). Essa língua é falada pelo povo de mesmo nome, principalmente em comunidades espalhadas às margens de vários tributários do rio Purus, no Sudoeste do Estado do Amazonas. A população Apurinã conta com aproximadamente 7 mil pessoas, mas apenas cerca de 30% dessa população falam a língua.

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

\*\* Professor Adjunto do Instituto de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O presente trabalho tem origem em uma pesquisa sobre a variação lexical da língua Apurinã. A pesquisa em questão objetiva fazer um levantamento sociolinguístico do léxico dessa língua buscando descrever e analisar os processos envolvidos na formação das variantes e seu papel na formação das variedades dessa língua. Os casos de variação lexical tratados nesse estudo envolvem principalmente a nomenclatura de fauna e flora que constituem o fenômeno do “duplo vocabulário” (uso extensivo de duas ou mais formas para designar um mesmo referente em um domínio específico do léxico) presente na língua. No decorrer dessa pesquisa identificamos padrões metafóricos e metonímicos operando na constituição de determinados itens lexicais. Como veremos ao longo deste trabalho, a metáfora e a metonímia são mecanismos essenciais na variação da taxonomia Apurinã.

Os dados utilizados neste trabalho foram coletados *in loco* entre os anos de 2013 e 2015, junto a várias comunidades Apurinã, e foram complementados por dados de pesquisas anteriores (FACUNDES, 2000; BARRETO, 2007; BRANDÃO, 2006). O estudo se articula no quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e, principalmente, da Semântica Cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

## **2 Semântica Cognitiva: breve histórico, definições e fundamentação**

A Semântica Cognitiva é uma subárea da Linguística Cognitiva. Ambas defendem que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Sob essa perspectiva, a linguagem é parte integrante da cognição (e não um “módulo” separado); fundamenta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural.

Um dos traços que caracteriza a Semântica Cognitiva diz respeito à importância atribuída aos processos de metáfora e metonímia. Esse campo de pesquisa recebeu um enorme impulso com a publicação do livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980). Nesse trabalho, os autores lançam as bases para uma teoria cognitiva da metáfora (conhecida por Teoria da Metáfora Conceptual). Lakoff e Johnson (1980) fornecem uma série de evidências do caráter rotineiro dos processos metafóricos. As evidências, segundo eles, estão nas estruturas

linguísticas que usamos para falar sobre uma infinidade de conceitos que usamos no nosso dia a dia. Para os autores “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica” (1980, p. 3).

A tese básica de Lakoff e Johnson (1980) sobre metáfora é que a sua função nos permite interpretar conceitos abstratos em termos de conceitos familiares e de experiências cognitivas cotidianas; ou seja, a metáfora está presente em toda parte e é essencial na linguagem e no pensamento. Nesse sentido, a compreensão de mundo passa a ser vinculada à concepção da metáfora, uma vez que grande parte dos conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado e ação, além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo e da cultura.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. O entendimento da metáfora se daria por meio de buscas de similaridades entre termos comparados. Para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte (aquele a partir do qual conceptualizamos alguma coisa metaforicamente) e um domínio-alvo (aquele que desejamos conceptualizar). Para os autores, o domínio-fonte implica propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência; por sua vez, o domínio-alvo tende a ser mais abstrato ou mais específico, dependendo da situação.

Segundo Lakoff (1987), as relações feitas entre os domínios (fonte e alvo) são conduzidas por um mapeamento metafórico em que o domínio-fonte é estruturado por um modelo proposicional ou uma imagem esquemática. O mapeamento é tipicamente parcial; mapeia a estrutura do domínio-fonte para uma estrutura correspondente no domínio-alvo. Os domínios fonte e alvo são representados estruturalmente por esquemas de contentores, e o mapeamento é representado por um esquema de fonte-caminho-meta.

Por sua vez, a metonímia é definida como deslocamento de significado, no qual uma palavra que normalmente é utilizada para designar determinada entidade passa a designar outra. De acordo com Lakoff e Johnson (1980), metonímia é um fenômeno da referência indireta em que um signo linguístico substitui ou identifica outro referente. Para definir metonímia, além de outros tipos de referência indireta (metáfora e/ou ironia), clássicos retóricos a definem como uma troca de nomes para as coisas que estão intimamente relacionadas ou juntas.

Lakoff e Turner (1989) sugerem que a projeção metonímica envolve só um domínio, fator que a distingue da metáfora, que se dá entre dois domínios. Croft (1993 *apud* FERRARI, 2011) afirma que a “metonímia promove o realce de um domínio específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato”. Portanto, a metonímia coloca em destaque a informação relevante à caracterização enciclopédica do domínio-matriz em um determinado contexto.

## 2.1 Tipos de metáfora

Segundo Lakoff e Johnson (1980) a metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas que se fundamentam em correlações sistemáticas encontradas em nossas experiências. Os autores descrevem três tipos diferentes de metáforas, são elas: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas.

Baseadas em nossas experiências, as metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Tal tipo de metáfora nos permite elaborar um conceito com grande detalhamento e permite também encontrar meios adequados de salientar um determinado aspecto desse conceito. Além disso, permite-nos usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito.

As metáforas orientacionais são aquelas em que todo um sistema é organizado a partir de outro sistema. Esse tipo de metáfora se origina, principalmente, da orientação espacial (do tipo para cima e para baixo; dentro e fora e fundo e raso) que os indivíduos desenvolvem a partir da observação do funcionamento do seu próprio corpo e do ambiente em que vivem. Tais metáforas têm uma base na nossa experiência física e cultural.

As metáforas ontológicas, por sua vez, são aquelas que se relacionam a sensações e orientações espaciais e/ou temporais, permitindo-nos compreender nossas experiências e ver os eventos, atividades, emoções, ideias, etc. como entidades e substâncias. As orientações espaciais, tais como para cima/para baixo, para frente/para trás, em cima, de fora, de centro/periferia e perto/longe fornecem uma base rica para a compreensão de conceitos em termos orientacionais. Além disso, as metáforas ontológicas são aquelas nas quais os conceitos abstratos são transformados em entidades, coisas ou seres.

A seguir, discutiremos acerca da relação entre metáfora e cultura. Esse aspecto é bastante importante para explicarmos o fenômeno de “duplo vocabulário” presente na língua Apurinã, pois nos interessa observar a relação entre os sentidos atribuídos às palavras da língua Apurinã e a cultura em que estão inseridos. Em outras palavras, buscamos compreender a formação e a atribuição dos sentidos na relação entre a língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada.

## 2.2 Metáfora e cultura

A relação entre língua e cultura é fundamental para que possamos compreender os aspectos sociodiscursivos em que determinado grupo social se situa. Nas últimas décadas, tem-se dado atenção para a relevância dessa relação e para a necessidade de se compreender em que medida os aspectos culturais interferem na construção e na compreensão dos enunciados linguísticos, pois sabemos que a cultura de uma comunidade não apenas interfere na atribuição de sentido a uma palavra, mas interfere na própria estrutura gramatical e até na construção dos sentidos das expressões mais complexas de uma língua que ali é falada (FERRAREZI JR., 2013, p. 73).

Nesse sentido, Gibbs (1999, p. 153) destaca que a presença de metáforas em expressões linguísticas refletiria tanto a operação de estruturas mentais individuais, como também o trabalho de diferentes modelos culturais. Tais modelos culturais são definidos pelo autor como esquemas culturais subjetivamente compartilhados que funcionam no intuito de interpretar experiências e guiar ações em vários domínios, incluindo eventos, instituições e objetos mentais e físicos. Segundo Duranti (1997, p. 38), o estudo cognitivo de metáforas como *schemata* culturais é bem próximo à ideia de que não só entendemos o mundo, mas também a linguagem em termos de protótipos, visões generalizadas ou teorias populares (*Folk Theories*) de experiência. Assim, a metáfora estaria, simbioticamente, relacionada à cultura (KÖVECSSES, 2005).

Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora estruturaria o sistema conceptual humano, o qual, por sua vez, está edificado sobre as bases da cultura. Para os autores, a metáfora é entendida como uma caracterização da nossa experiência, na medida em que ela se adéqua a outros conceitos metafóricos mais gerais, formando, portanto, um todo coerente. Segundo Lakoff e Johnson (1980), as metáforas são criadas dentro de contextos comunicativos, logo, elas variam de uma cultura para

outra e, conseqüentemente, de uma língua para outra. Os autores reconhecem também a importância da cultura no processo de formação da metáfora, embora, em sua obra, deem pouca atenção a esse aspecto.

Kövecses (2010), ainda, argumenta que os indivíduos, em geral, produzem metáforas sob a influência de dois tipos de pressão: i) da experiência corporal; e ii) do contexto ao seu redor (recorte em que se pauta este trabalho). Segundo o autor, o contexto pode ser observado a partir de um contínuo gradual cuja perspectiva se estabelece do mais geral para o mais específico e tem como extremos, respectivamente, o contexto global e o contexto local.

O contexto global é formado por aqueles fatores que afetam todos os membros de uma comunidade de fala, quando conceituam algum elemento metaforicamente. O contexto global constitui-se de alguns fatores contextuais e, dentre eles, podem ser destacados o ambiente físico, o contexto cultural, os fatores sociais e a memória diferencial. As metáforas, segundo Kövecses (2010), serão produzidas de forma mais diferenciada quanto mais variado for o ambiente físico das regiões, tendo sua produção influência direta de fatores como os acidentes geográficos, a fauna e a flora. Por sua vez, o contexto local é entendido pelos fatores contextuais imediatos; isto é, que se aplicam a conceptualizadores particulares em situações específicas. O contexto local também tem influência na conceptualização da produção metafórica por meio de vários outros fatores: i) ambiente físico imediato; ii) contexto cultural imediato; iii) ambiente social imediato; iv) conhecimento sobre as principais entidades do discurso; e v) contexto linguístico imediato.

Segundo Kövecses (2010), os fatores contextuais podem tanto levar ao aparecimento de expressões metafóricas convencionais quanto ao surgimento de expressões metafóricas novas ou não convencionais. Para o autor, o objetivo principal é de se tentar ser coerente com a maioria dos fatores que regulam a conceptualização do mundo. Em outras palavras, os falantes tentam ser coerentes em relação a vários aspectos da situação de comunicação no processo de criação das expressões metafóricas. Desse modo, a língua, e principalmente o léxico, seriam vistos como reflexo do sistema conceptual humano. As metáforas seriam o veículo para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais em uma determinada cultura. A metáfora está presente na linguagem do dia a dia, dentro de várias instâncias discursivas. Ela é parte importante na construção de sentido, estruturando os sistemas conceptuais e determinado, assim, a maneira de perceber o mundo e de falar sobre ele.

Veremos, nas próximas seções, que as metáforas que constituem o fenômeno de “duplo vocabulário” presente em Apurinã estão relacionadas a aspectos físicos e/ou padrões comportamentais entre os elementos envolvidos. Elas emergem vinculadas diretamente ao contexto sociocultural a que se faz referência. Por meio das metáforas, os falantes ilustram as relações existentes entre os elementos que constituem o universo ao seu redor.

### **3 Sociolinguística Variacionista**

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas – formas que supostamente transmitem o mesmo conteúdo semântico, expresso com recursos linguísticos distintos. Podemos considerar que vários são os fatores que influenciam o uso de variantes distintas dentro de uma comunidade de fala. Em geral, sempre há algum elemento, se não linguístico, sociocultural que determina a escolha que os falantes fazem de uma forma ou estrutura. A conjugação entre esses dois aspectos tem sido foco de interesse da Sociolinguística Variacionista. A abordagem variacionista apoia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidades e sistematicidade por trás da aparente desordem da comunicação. Procura-se verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua, assim como compreender de que modo a variação é regulada.

Labov (2008) afirma que não devemos parar no que é estritamente linguístico se queremos explicar quais forças agem na língua, podemos e devemos incluir o modo como a língua está inserida na sociedade, pois cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo de fala. Portanto, o interesse principal da Sociolinguística Variacionista é desvendar como a heterogeneidade, ou seja, a variação linguística, se organiza, se localiza, além de descrever, regional e socialmente, as variedades de uma língua.

Segundo Mollica (2013), podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois eixos: o diatópico e o diastrático. No primeiro, as alternâncias se expressam regionalmente, considerando-se os limites físico-geográficos; no segundo, elas se manifestam de acordo com os diferentes estratos sociais, levando-se em conta as fronteiras sociais (sexo, idade, escolaridade, procedência, nível socioeconômico, etc.). Assim, tradicionalmente, concebe-se uma ecologia linguística do ponto

de vista horizontal, com a formação de comunidades geográficas com base em marcadores regionais; e do ponto de vista vertical, com gerações de padrões por meio de indicadores sociais. É importante frisar que a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais organizadas e fortemente marcadas por motivações emanadas da própria estrutura sociocultural de cada comunidade.

Na sequência discutiremos acerca da variação lexical e da natureza do “duplo vocabulário” presente em Apurinã, bem como dos padrões metafóricos e metonímicos que operam na constituição da variedade lexical da língua Apurinã.

#### 4 Variação e o fenômeno de “duplo vocabulário” Apurinã

Em Apurinã identificamos três tipos gerais mais comuns de variação lexical. A primeira é a variação geracional, que é representada por variantes distintas usadas em um mesmo espaço por indivíduos de faixas etárias diferentes, a exemplo do conceito para ‘sucuriju’: *kiãty* para os mais velhos e *kapinhuty* para os mais novos. A segunda é a variação geográfica, que é representada por aquelas formas que têm suas variantes distribuídas em comunidades distintas, como, por exemplo, o conceito para ‘japó’, reconhecido em algumas comunidades como *iũpiri*, mas como *pukuru(ru)* em outras. Finalmente, a terceira é a variação geográfico-geracional, que se caracteriza pela ocorrência de uma variação geracional em diferentes comunidades geográficas. Nesta última, uma variante que pode ter uma distribuição geográfica restrita, também aparece restrita a uma faixa etária específica. Como exemplo desse tipo de variação podemos considerar o caso da palavra para “macaco-de-cheiro”, que é reconhecida por três formas: *amãtxuary*, *ipÿte* e *xariwa*. A forma *amãtxuary* está restrita a algumas comunidades, caracterizando aí uma variação geográfica; porém, mesmo nessas comunidades, essa forma encontra-se restrita a uma faixa etária específica, pois é uma forma antiga, usada somente pelos mais idosos, o que caracterizaria também nessas comunidades a variação geracional.

Por sua vez, o “duplo vocabulário” consiste em itens lexicais que apresentam aparente sinonímia, em que mais de uma palavra é usada para se referir ao mesmo elemento conceitual em um domínio específico do léxico (LIMA-PADOVANI, 2016). Um exemplo disso seria a forma como os Apurinã nomeiam o conceito ‘cipó-de-tracúá’. O mesmo conceito pode ser chamado de *tũnytsa* ou de



*katxipukyrytsa* (*katxipukyry* ‘formiga’ + *tsa* nome classificatório para coisas finas e alongadas). A distinção entre os elementos desse par de nomes é que enquanto o primeiro é mais comumente usado no dia a dia, o segundo aparece em contextos mais restritos. Em geral, tal fenômeno ocorre quando os falantes desejam dar ênfase a uma propriedade específica do elemento em questão e/ou da relação entre os elementos envolvidos.

Diante de exemplos, como o exposto acima, partimos do princípio de que algumas unidades do léxico Apurinã são atualizadas em um discurso particular, resultado de uma construção sociocultural e uma escolha feita pelo falante, de acordo com as necessidades da situação de comunicação. O “duplo vocabulário” Apurinã codifica diferentemente alguns conceitos de sua realidade e oferece recursos distintos para que o falante possa tratar esses conceitos. Voltemos ao exemplo supramencionado, a forma *katxipukyrytsa*, que é uma das variantes que designa ‘cipó-de-tracua’, está relacionada à função que o cipó exerce às formigas. Segundo relatos dos consultores, as formigas utilizam o cipó para construir sua casa. Essa forma costuma ser usada quando os falantes desejam enfatizar essa propriedade do ‘cipó-de-tracua’. Nota-se que, neste caso, temos padrões metonímicos operando na construção dessa unidade lexical.

As unidades lexicais que constituem o que denominamos “duplo vocabulário” fazem parte de um sistema organizado em rede, em que diferentes elementos da cultura Apurinã se relacionam. Observamos também que o “duplo vocabulário” apresenta uma coerência semântica construída a partir das relações metafóricas, metonímicas e pragmático-funcionais que motivam nomear dois referentes distintos com a mesma forma. Tal coerência sugere haver uma rede semântica interligando referentes distintos no léxico Apurinã, revelando, assim, traços da visão de mundo dos falantes.

Verificamos, ainda, que o processo de denominação da fauna e flora Apurinã consiste na formação de um sistema de compreensão construída a partir da propensão do falante de associar um símbolo a uma representação mental que leva em consideração os seguintes fatores: padrões comportamentais, funcionais e características físicas e os sons produzidos pelos animais. Além disso, observamos que as propriedades semânticas de algumas unidades lexicais derivam de seu duplo estatuto de denominação; isto é, da possibilidade de designar um conceito a partir de dois parâmetros distintos. Diante disso, atestamos a ocorrência de pares com sentidos descritivos *vs.* sentidos não descritivos para a terminologia de fauna

e flora, o que influencia diretamente na formação das variantes lexicais na língua.

Na próxima seção, apresentaremos exemplos da ocorrência de pares descritivos vs. não descritivos buscando demonstrar que os padrões metafóricos e metonímicos são operações cognitivas utilizados pelos falantes de Apurinã na categorização de fauna e flora. Além disso, descreveremos e analisaremos cada par de palavra observando a sua referência com outros elementos linguísticos e extralinguísticos.

## **5 Formas descritivas vs. não descritivas**

Em Apurinã, o sentido descritivo de um termo não deriva apenas de propriedades semânticas dos seus referentes, mas também das determinações que lhe são conferidas pelo uso ou pela sua relação com outros termos do sistema lexical; ou seja, as formas descritivas são nomes que fazem registro da maneira como os usuários da língua compõem ou utilizam os elementos no seu dia a dia. Em geral, os nomes descritivos são estruturados a partir de padrões metafóricos e metonímicos. A seguir, apresentaremos exemplos desses pares de palavras. Destacaremos também as características comuns entre os dois domínios experienciais, construindo um espaço comum entre ambos os domínios.

### ***5.1 A metaforização no processo de denominação da nomenclatura de fauna e flora Apurinã***

O processamento metafórico é natural, reestrutura aspectos da experiência, do pensamento e da linguagem em um meio natural. Se é parte da natureza do pensamento e ação, logo a noção de Esquemas Imagéticos está na base dessa concepção de metáfora, pois, como mencionado anteriormente, trata-se de esquemas corpóreos construídos em um nicho sociobiocultural, a partir dos quais a emergência de sentido é possível. Nos Quadros 1 e 2, apresentaremos alguns exemplos de processos de metaforização operando na formação de algumas unidades lexicais da língua Apurinã.

QUADRO 1 Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve características físicas

Nome em português	Nome em Apurinã	
	Sentido não descritivo	Sentido descritivo
1. café	<i>kapêe</i>	<i>kÿpatykÿã</i>
2. cipó-titica	<i>ãapetsa</i>	<i>ixiwanenytsa</i>
3. piau-quati	<i>puwana</i>	<i>kapixixima</i>
4. quatipuru-roxinho	<i>kaxuky</i>	<i>ãkiti tikakiêrike</i>
5 mané-magro	<i>kunusury</i>	<i>aãke</i>
6. cavalo; burro	<i>kawaru</i>	<i>ixiwãwithe</i>
7. cuiú-cuiú	—	<i>anãnaxima</i>

No primeiro item, verificamos que a forma *kÿpatykÿã*, uma das variantes usadas para designar ‘café’, parece ser uma extensão de sentido do conceito *kÿpaty*, que é a forma para nomear ‘bananeira brava’. Isso acontece em virtude de *kÿpaty* ter uma semente preta que se parece com a semente do café; ou seja, os Apurinã adotaram traços da similaridade física de *kÿpaty* (domínio-fonte) para nomear o conceito ‘café’ (domínio-alvo).

Em dois, observamos que a segunda forma, *ixiwanenutsa* (*ixiwa* = tamanduá bandeira + *nenu* = língua + *tsa* = nome classificatório para coisas finas e alongadas), que designa ‘cipó-timbó-açu’, está relacionada ao aspecto da língua do ‘tamanduá-bandeira’. De acordo com os colaboradores, a forma achatada e alongada do cipó parece com a língua do ‘tamanduá-bandeira’. Observe que o processo de variação ocorre motivado por padrões metafóricos, em que nós temos o mapeamento de propriedades físicas do ‘tamanduá’ (domínio-fonte) a propriedades físicas do ‘cipó’ (domínio-alvo).

No terceiro item também é levado em consideração o aspecto do animal que possui listas iguais às do ‘quati’ *kapixi*. Observa-se que o processo de variação, nesse caso, ocorre motivado pela metáfora, uma vez que há o mapeamento de propriedades físicas do ‘quati’ (domínio-fonte) a propriedades físicas do ‘piau’ (domínio-alvo).

Em quatro, a forma *ãkiti tikakiêrike* está relacionada ao aspecto da barriga do animal, a qual tem pintas que se parecem com as pintas da onça-pintada; por isso essa forma recebe o mesmo nome da onça. Portanto, a motivação de usar o

nome que normalmente designa ‘onça’ para designar também ‘quatipuru-roxinho’ é o mapeamento de propriedades físicas da ‘onça’ (domínio-fonte) a propriedades físicas da barriga do ‘quatipuru’ (domínio-alvo). O que caracterizaria um processo de metáfora.

No item cinco, ‘mané-magro’ recebe o mesmo nome usado para designar ‘vara’, *ãake*. Isso ocorre em virtude de esse animal se parecer com uma ‘vara’. A motivação de usar o nome que designa ‘vara’ para designar também ‘mané-magro’ é o mapeamento de propriedades físicas da ‘vara’ (domínio-fonte) a propriedades físicas do ‘mané-magro’ (domínio-alvo).

No sexto item, a forma *ixiwãwithe*, usada para conceituar o elemento ‘cavalo’, é constituída da forma *ixiwa* (‘tamanduá-bandeira’ + *ãwithe* ‘chefe’). Os Apurinã adotaram traços da similaridade física do ‘tamanduá’ (domínio-fonte), um animal de grande porte na cultura Apurinã para nomear o conceito ‘cavalo’ (domínio-alvo).

Em sete, a forma *anãnaxima* (*anãna* ‘abacaxi’ + *xima* nome classificatório para peixe) recebe esse nome por ter ao longo da linha lateral uma série de placas ósseas, armadas cada uma com várias saliências pontiagudas, duras e afiadas, que se parecem com a casca do ‘abacaxi’. A motivação que levou os Apurinã a usarem o mesmo nome que designa ‘abacaxi’ para designar também o peixe ‘cuiú-cuiú’ é o mapeamento de propriedades físicas da casca do ‘abacaxi’ (domínio-fonte) a propriedades físicas de um tipo de peixe com pele grossa (domínio-alvo).

QUADRO 2 – Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve padrões comportamentais

Nome em português	Nome em Apurinã	
	Sentido não descritivo	Sentido descritivo
1. onça-preta	<i>ãkiti pumamary</i>	<i>ãkiti mapiãnyry</i>
2. piranha	<i>(h)ũma(kyry)</i>	<i>akytsaru</i>
3. tamanduá	<i>apasawatary</i>	<i>kamyrikĩ</i>

No item um, para a forma *ãkiti pumamary*, os falantes da língua levam em consideração a cor do animal (o nome *pumamary* corresponde à cor preta). Já o segundo termo *ãkiti mapiãnyry* está ligado ao hábito noturno do animal, pois o nome *mapiãnyry* está semanticamente relacionado ao nome *mapiã* que corresponde

à escuridão, noite. Ou seja, enquanto no primeiro caso a nomeação baseia-se numa descrição física, no segundo ela se baseia numa descrição do comportamento do animal (hábitos noturnos).

A forma *akytsaru*, item 2, deriva do verbo *akytsaka* ‘morder’, uma vez que a piranha é um peixe voraz e de perigosa mordedura, que ataca homens e animais.

O termo *kamyrikĩ*, do item 3, deriva do nome *kamyry*, forma que designa ‘espírito’, uma vez que esse animal, segundo relatado pelos Apurinã, some na mata como um espírito. O tamanduá representa também na cultura Apurinã um sinal de que haverá morte na família, quando ele é visto na mata.

### 5.2 A metonímia no processo de denominação da nomenclatura de fauna e flora Apurinã

Em Apurinã a metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela nos permite focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Projeta-se um domínio em outro a ele relevante em consequência de uma relação estabelecida localmente por uma função de caráter pragmático. Esse tipo de projeção desempenha um papel fundamental na organização do nosso conhecimento, promovendo meios de identificar elementos de um domínio através de sua contraparte em um outro domínio. Isto é, a metonímia é a projeção conceitual de um domínio cognitivo sobre outro, ambos pertencentes ao mesmo domínio cognitivo, de sorte que o domínio projetado (domínio-fonte) ressalta e proporciona acesso mental ao domínio sobre o qual se faz a projeção (domínio-alvo). O Quadro 3, abaixo, ilustra bem esse fenômeno em Apurinã.

QUADRO 3 – Amostra parcial de casos de formas com sentido descritivo vs. não descritivos cuja semântica envolve padrões comportamentais e funcionais

Nome em português	Nome em Apurinã	
	Sentido não descritivo	Sentido descritivo
1. quatipuru-roxinho	<i>axipitiri</i>	<i>ãkiti tikakiẽrike</i>
2. cipó-de-tracuaá	<i>tũnytsa</i>	<i>katxipukyrytsa</i>
3. taioca	<i>aiuãke</i>	<i>tĩtĩ</i>
4. farinha	<i>parĩia</i>	<i>katarukyry</i>

5. canapu/camapu	<i>mutumutuky</i>	<i>kytsynapunitikyte</i>
6. gato-maracajá	<i>putxukary; ãkiti</i>	<i>txuwiriêne</i>

O primeiro item merece atenção, pois um dos nossos consultores Apurinã relatou que esse animal se alimenta dos dejetos da onça e, por isso, ele receberia o mesmo nome da onça, *ãkiti*. Nesse caso, além do processo de metáfora (que mencionamos na seção anterior), teríamos também um processo de variação cuja motivação é reforçada pelos padrões metonímicos entre os dois elementos: o fato de o ‘quatipuru’ alimentar-se dos dejetos produzidos pela ‘onça’; ou seja, o conceito ‘quatipuru’ seria nomeado pelo nome do animal que produz o alimento que ele costuma consumir.

Em dois, a forma *katxipukyrytsa* (*katxipukyry* ‘formiga’ + *tsa* ‘nome classificatório para coisas finas e alongadas’) está relacionada à função que o cipó tem para as formigas. Segundo relatos dos consultores, as formigas utilizam o cipó para construir sua casa. Nota-se que o cipó é chamado pelo nome do animal que nele habita (o habitante pelo lugar que habita).

No item três, a forma *tũtĩi* está relacionada ao hábito do jacu, uma vez que esse pássaro se alimenta de restos de pequenos insetos deixados pela formiga ‘taioca’. Nota-se que o processo de variação ocorre motivado por padrões metonímicos entre os dois elementos, uma vez que a ‘taioca’ é chamada pelo nome do animal que se beneficia dos restos dos seus alimentos.

No quarto item, verificamos que a forma *katarukyry* deriva de *kataruky*, um termo usado para designar uma espécie de ‘roça de macaxeira’ e que também é matéria-prima para a produção de farinha. Portanto, o termo nativo em Apurinã para ‘farinha’ surgiu a partir da extensão de sentido da forma *kataruky*, uma vez que antigamente não existia farinha, apenas beiju, na cultura tradicional Apurinã – como comprovam informações etnológicas encontradas nos relatos em Apurinã.

Em cinco, a forma *kytsynapunitikyte* (*kytsyna* = ‘calango’ + *punitikyte* = ‘pimenta’) significa literalmente a pimenta do calango, o que sugere ser ‘canapu/camapu’ alimento desse animal. Nesse caso, teríamos a fruta chamada pelo mesmo nome do animal que se alimenta dela.

No item seis, a forma *txuwiriêne(ke)* está semanticamente relacionada ao nome *txuirikaru* que designa ‘nambu-relógio’. Segundo relatos dos Apurinã, o ‘gato-maracajá’ costuma imitar o som que o ‘nambu-relógio’ produz com o propósito de capturar o pássaro para se alimentar. Aqui o ‘gato-maracajá’ é chamado pelo

mesmo nome do animal de que ele costuma se alimentar.

## 6 Projeções entre domínios

A partir de exemplos como os ilustrados acima, observamos em Apurinã que as relações semânticas entre os elementos perpassam pelas projeções metafóricas e metonímicas (de alta relevância comunicativa e cognitiva) que organizam o pensamento e as ações, permitindo a conceptualização de um elemento por sua relação com outro. Uma rede de integração é criada para modelar como os significados das unidades lexicais que constituem o “duplo vocabulário” se realizam. Essas redes refletem as experiências cotidianas do povo Apurinã. Nos gráficos que seguem, sintetizamos os mapeamentos dos conceitos metafóricos e metonímicos; e a transferência dos conceitos do domínio-fonte para o domínio-alvo, conforme nos propõe Lakoff e Johnson (1980), dos exemplos apresentados nas seções descritas acima.

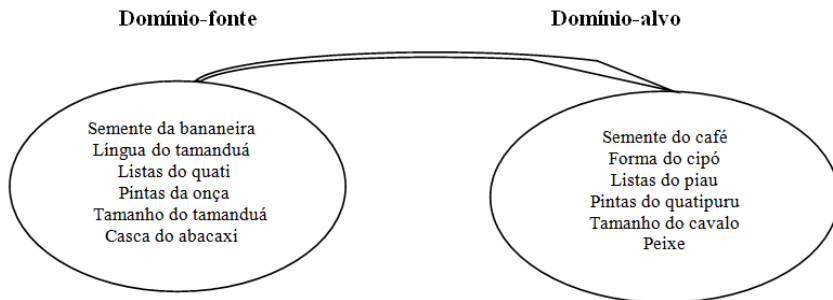


GRÁFICO 1 – Projeções metafóricas cuja semântica envolve características físicas

Fonte: Elaborado pelos autores

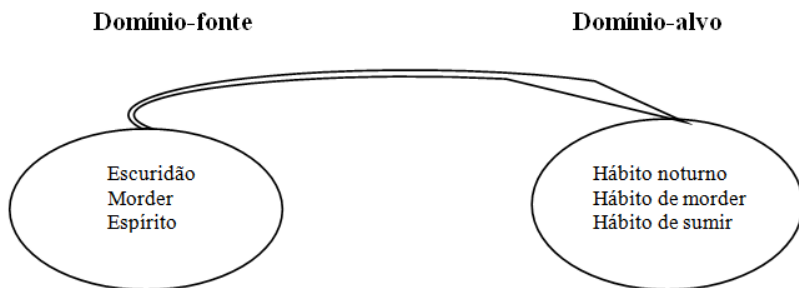


GRÁFICO 2 – Projeções metafóricas cuja semântica envolve padrões comportamentais

Fonte: Elaborado pelos autores.

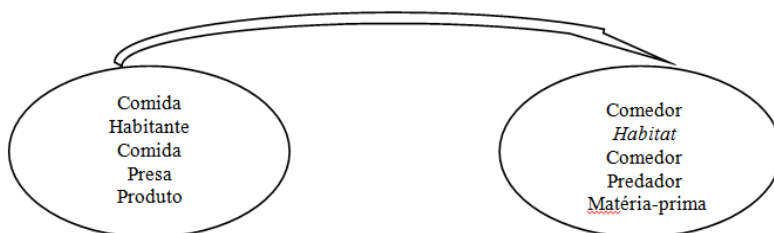


GRÁFICO 3 – Projeções metonímicas cuja semântica envolve relações de contiguidade entre uma entidade e suas partes e relações entre categorias e subcategorias

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos, dessa forma, através da análise de nosso *corpus*, que as metáforas que interagem na formação dessas unidades lexicais podem ser definidas como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências perceptuais, da interação que os indivíduos Apurinã têm com o universo que os cerca. Além disso, verificamos que a essência da metáfora em Apurinã é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Ao classificarmos as metáforas, observamos que, no contexto sociocultural em que elas são encontradas, refletem um padrão que se enquadra nas metáforas estruturais. Por sua vez, atribui-se às metonímias a possibilidade de se colocarem em evidência certas características da entidade a que se faz referência. É interessante notar que a metonímia promove o realce de um domínio



específico no âmbito de um domínio-matriz complexo e abstrato.

## 7 Conclusão

Com base nos dados descritos acima, concluímos que a variação lexical em Apurinã se manifesta na forma de dois parâmetros básicos da sociolinguística variacionista que estão interligados: (i) a distribuição geográfica, que é representada por aquelas formas que têm suas variantes linguísticas distribuídas em espaços geográficos diferentes, e (ii) a variação associada a questões ligadas à idade do falante. Além disso, constatamos que o fenômeno do “duplo vocabulário” é mais que um sistema de variação lexical, é um sistema tradicional de relações conceituais extremamente dinâmico em que alguns elementos dessa classificação são referidos e até classificados de formas aparentemente distintas, porém em pleno acordo com o modelo cognitivo e/ou cultural em que ele se encaixa dentro da sociedade, cultura, história e cosmovisão Apurinã.

Verificamos, ainda, que os padrões metafóricos e metonímicos que operam na formação da diversidade lexical em Apurinã interagem entre si, gerando um sistema complexo. Esse sistema se caracteriza pela existência de um domínio-fonte A, considerado bem-estruturado, e de um domínio-alvo B, que precisa ser estruturado para uma compreensão mais detalhada do conceito. A ligação entre os elementos envolvidos é feita por meio de mapeamentos, sendo estes naturalmente motivados pela correlação estrutural existente entre os domínios.

Pudemos observar também que o “duplo vocabulário” está presente no raciocínio metafórico dos falantes, que procuram ancorar a compreensão de algo novo naquilo que é experienciado por eles. Ou seja, conceitos concretos são mobilizados para entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto. Observamos que esses processos, em Apurinã, envolvem dois mecanismos: (i) a transferência conceitual, que aproxima domínios cognitivos diferentes, e (ii) a motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto. Portanto, os processos metafóricos e metonímicos envolvidos na formação dos itens lexicais que constituem o “duplo vocabulário” seriam pragmaticamente motivados.

Em suma, destaca-se, neste trabalho, o modo como o meio ambiente e/ou cultural pode favorecer a articulação das concepções metafóricas e metonímicas, as quais são refletidas no sistema lexical da língua Apurinã. As projeções metafóricas

e metonímicas são ativadas cognitivamente a partir da experiência do falante com o meio físico que o circunda. O que fica marcado, portanto, é a representatividade do contexto histórico-físico-sócio-cultural na produção metafórica e metonímica nesse tipo de sociedade.

## Variation and semantic relations in Apurinã lexicon (Arawak): the “double vocabulary”

### Abstract

This study aims to demonstrate that metaphoric and metonymic standards are essential mechanisms in variation involved in the Apurinã taxonomy (Arawak) and important in the formation of nomenclatures for flora and fauna in this language. To this end, the study is guided by Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008) and Cognitive Semantics (LAKOFF; JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987). The variation cases discussed here are restricted to the nomenclature of flora and fauna that constitutes the phenomenon of “double vocabulary” (use of two or more words to designate the same referent in a domain of a specific set of lexical items) in this language. An example would be the way Apurinã name the term ‘small brown squirrel’. The same concept can be called *axipitiri* or *ãkiti tikakiëriike*. The distinction in between the members of this pair of names is that the second term has a descriptive sense. The way *ãkiti tikakiëriike* is related to the animal’s belly aspect is that the former has spots that look like jaguar spots. This explains why both concepts can be expressed by the same noun form. Therefore, the motivation to use the name that designates ‘jaguar’, *ãkiti*, to designate also ‘small brown squirrel’ is the mapping of physical properties of ‘jaguar’ (source domain) to the physical properties of ‘small brown squirrel’ (target domain), thus characterizing a metaphorical process. It is this type of variation that will treat and which we will present an analysis of their linguistic and socio-historical-cultural properties in Apurinã.

Keywords: Metaphor. Metonymy. Variation. Double vocabulary. Apurinã.

## Referências

- AIKHENVALD, Alexandra Y. Arawak. In: STRAZNY, Philipp. **Encyclopedia of Linguistics**. New York: Fitzroy Deaborn, 2005. p. 81-84. Disponível em: <<http://www.aikhenvaldlinguistics.com/selected-publications>>. Acesso em: 11 jan. 2015.
- BARRETO, Érica Lúcia. **Varição em Apurinã**: aspectos linguísticos e fatores condicionantes. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- BRANDÃO, Ana Paula B. **Dicionário da língua Apurinã**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- DURANTI, Alessandro. **Linguistic anthropology**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1997.
- FACUNDES, Sidney da Silva. **The language of the Apurinã people of Brazil (Maipure/Arawak)**. Buffalo: University of New York, 2000.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERRAREZI JR., Celso. Semântica Cultural. In: FERRAREZI JR., Celso; BASSO, Renato (Org.). **Semântica, Semânticas**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71-87.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture**: universality and variation. Cambridge: C.U.P., 2005.
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. New York: Oxford University Press, 2010.
- GIBBS, Raymond W. Jr. Taking metaphor out of our heads and putting in into the cultural world. In: GIBBS, Raymond W. Jr.; STEEN, Gerard J. **Metaphor in Cognitive Linguistics**. Philadelphia, USA: John Benjamins Company, 1999. p. 145-166.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Original publicado em 1972.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago; London: The University of Chicago, 1980.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago, 1987.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool Reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. **Levantamento sociolinguístico do léxico da língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruak)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-14.

Recebido em 07/04/2016.

Aceito em 05/07/2016.